

RICARDO AZEVEDO

CONTOS DE ESPANTO
& ALUMBRAMENTO



editora scipione

Contos de
espanto e
alumbramento

RICARDO AZEVEDO

Contos de
espanto e
alumbramento



editora scipione

Gerência editorial
Sâmia Rios

Edição
Maria Viana

Assistência editorial
José Paulo Brait

Preparação de texto
Nair Hitomi Kayo

Revisão
Ana Paula Ribeiro
Eloísa Aragão Maués
Nair Hitomi Kayo

Coordenação de arte
Marisa Iniesta Martin

Projeto gráfico
Maria Azevedo

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Azevedo, Ricardo

Contos de espanto e alumbramento / Ricardo Azevedo; ilustrações do autor. – São Paulo: Scipione, 2005.

1. Contos – Literatura infantojuvenil I. Título.

05-7021

CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Contos: Literatura infantil 028.5
2. Contos: Literatura infantojuvenil 028.5



editora scipione

Av. Otaviano Alves de Lima, 4400
Freguesia do Ó

CEP 02909-900 – São Paulo – SP

ATENDIMENTO AO CLIENTE

Tel.: 4003-3061

www.scipione.com.br

e-mail: atendimento@scipione.com.br

2013

ISBN 978-85-262-6042-9 – AL

ISBN 978-85-262-6043-6 – PR

Cód. do livro CL: 733053

1.^a EDIÇÃO

7.^a impressão

Impressão e acabamento



Sumário

<i>Apresentação</i>	6
Pedro, João e José	9
A moça de Bambulúá	24
O moço encantado pelo Corpo-sem-Alma	43
Os três vestidos da princesa	64
Maria Gomes	81
A viagem assombrosa de João de Calais	100
Maria Manhosa	113
A mulher do negociante	126
A vida e a outra vida de Roberto do Diabo	140
<i>Conversa com o autor</i>	166



Apresentação

A começar pelo título: contos de espanto você sabe o que é. E alumbramento? Surpreender a gente com palavras, não sozinhas, mas uma junto com as outras, dando um sentido maior ao que está sendo dito, é uma arte. Ricardo Azevedo é um grande conhecedor dessa arte.

Lembro-me que quando li o primeiro livro desse autor, já faz um tempão, fui enredada no seu modo de contar, inesquecível. Então, comecei a me perguntar que qualidade era essa que tornava o texto de Ricardo Azevedo tão peculiar e apaixonante.

Muitos autores reescreveram contos milenares. Cada um, de acordo com a visão de mundo comum na sua época, com uma determinada intenção, tratou de príncipes, tramas, paisagens e costumes. Voltaire escreveu *Zadig*, recontando contos orientais. O *Fausto*, de Goethe, retoma o tema popular do homem que vendeu a alma para o diabo. No Brasil, Guimarães Rosa e Ariano Suassuna, entre muitos outros, mergulharam nas fontes populares e reinventaram personagens e histórias contadas pela gente reunida nos serões em volta da fogueira.

O conto popular brasileiro, na voz dos contadores que percorriam as fazendas, é enxuto. Nele há uma maneira peculiar de encadear as palavras, de dizer o essencial para que a gente entenda o que está acontecendo. É o que ocorre, por exemplo, no conto “*Maria Gomes*”: “O pescador prometeu pro peixe que daria pra ele a primeira coisa que aparecesse quando ele chegasse em casa. Sempre era o papagaio que vinha. Mas, naquele dia, quem veio foi sua filha”.

Ricardo Azevedo também inventa de novo as matrizes populares, falando para crianças e jovens de hoje. Mas vai além, conversa com a história popular e a escreve apresentando seu modo de compreender o que está acontecendo e também o que ele acha que poderia estar se passando na cabeça dos personagens. Traz os pensamentos, a angústia, a surpresa. Esse mesmo trecho de “*Maria Gomes*” fica assim nas suas palavras: “Era a coisa mais linda que vinha vindo, mas não podia: sua filha”.

Quer dizer, ele cria em imagens o que vai dentro do carrilhão do conto e a história ganha um brilho singular, formado pela emoção de quem mergulha nas entrelinhas e se aventura a interrogar o maravilhoso.

Vejamos outro trecho: “A moça *Maria Gomes* arregaçou a saia e entrou no mar. A água vagarosa tomando posse do seu corpo.(...) O horizonte intacto dividia o mundo em duas partes”. Pare você um minuto e pense nessa última frase. Invenção literária, será que não é isso? Quando o autor faz a gente pular do que está dito para o não dito, abrindo frestas pra gente ler o conto de outras maneiras, além dos acontecimentos relatados?

Ao reescrever o conto popular para crianças e jovens, Ricardo expressa o desejo, a paixão ou a discussão que está dentro da alma do personagem com a pulsação de hoje em dia. Trata o texto rigorosamente como arte literária. Que intenção é essa que conduz o autor na sua escritura?

Tem gente que escreve para crianças ou para jovens com palavras corriqueiras, como se estivesse querendo “barganhar” a cumplicidade dos leitores. Imaginam um público a partir de estereótipos. O resultado é uma linguagem coloquial, que, na maioria das vezes, é artificial e sem poesia. Ou tem um arremedo de poesia adocicada, como se a criança não fosse capaz de entender “arte para valer”. Ricardo Azevedo está longe de caber nessa categoria de autores.

Existe uma qualidade amorosa no seu talento literário que transforma suas indagações e algumas certezas em pura poesia. Não escreve “para crianças” ou “para jovens”, mas conversa à vontade com crianças e jovens, com qualquer um. Seu estilo fala do escondido das relações afetivas, trazendo aspectos humanos que latejam nos arquétipos exemplares.

Na escritura de Ricardo Azevedo, o conto popular está lá, na sua inteireza, mas é como se o autor o recontasse bisbilhotando o acontecido. Debruçado sobre o enxuto material ancestral, ele ousa, escutando as ressonâncias que essas palavras de tempos pra lá de antigos produzem no homem que ele é, hoje: “Uma lembrança ecoou nele, viva e antiga. Também um dia fora jovem. Também um dia sentira vontades. Fomes e febres de partir, viajar, conhecer novos caminhos, medir a própria força, contra tudo e contra nada”.

Alumbramento, será que não é isso?

Claramente apaixonado pela cultura brasileira, é um artista pesquisador. Estudioso, investiga o tema da cultura popular, embrenhando-se pelos textos e levantando questões. Curioso, puxa conversa com as pessoas na rua, discute ideias e maravilha-se com as riquezas das nossas raízes culturais.

Os contos populares têm sido recontados ao longo de nossa história pelas amas de leite, pelos viajantes, mascates, contadores de estórias que habitaram e habitam as mais diversas regiões do Brasil. Como um rio que não para de correr, são continuamente lembrados por pessoas que conhecem o valor de sua sabedoria. Ricardo Azevedo faz parte desse rio, contribuindo amorosamente com seus arranjos peculiares de palavras tão antigas.

Vocês que são crianças e jovens de hoje, formados no mundo da inglória globalização, têm neste livro a oportunidade de entrar em contato com o que é genuinamente nosso e recordar um lugar de pertencimento valoroso: é legal a gente fazer parte do povo brasileiro. Melhor ainda é poder se assombrar e se alumbrar com isso.

Regina Machado



Pedro, João e José

Aquele homem vivia com a mulher e os três filhos num castelo que ficava no alto de um morro. Era rico e feliz. Amava sua esposa e seus filhos mais do que tudo. Cada vez que sua companheira tinha um filho, o homem dava uma grande festa e convidava o povo da cidade.

Depois, fazia sempre a mesma coisa: ia para o jardim e plantava uma árvore.

Seus filhos foram crescendo.

No castelo, perto da fonte, no recanto mais belo do jardim, três árvores também cresciam. Uma para cada filho daquele homem.

Um dia, a mulher caiu doente. Dores e febres galopavam sobre seu corpo. Médicos foram convocados. Sábios e doutores vieram de longe trazendo remédios e citando teorias. A doença era maligna. Enfraquecida, a mulher definhava na cama.

O homem e seus três filhos choraram e sofreram quando ela morreu. Parece até que ficaram mais unidos por causa da saudade e do sofrimento.

O tempo passou.

Os três meninos acabaram virando jovens fortes e valentes.

Cada um possuía um cavalo, um cachorro e uma espada, presentes de sua falecida mãe.

O nome do filho mais velho era Pedro.

Um dia, Pedro procurou o pai. Disse que já estava moço. Agora pretendia correr mundo. Sonhava conhecer outras estradas, outros lugares e outras gentes.

O homem chamou o filho de lado e advertiu:

– O mundo é bonito e perigoso!

O moço garantiu que era forte e não tinha medo de nada. Insistiu. Queria porque queria viajar. O pai concordou.

Na hora da despedida, conversou com o filho. Disse que estava velho e que, durante a vida, fizera inúmeras viagens. Perguntou se o rapaz preferia viajar levando um monte de dinheiro ou viajar levando pouco dinheiro e alguns conselhos.

O moço caiu na risada.

– Que é isso, pai!

Disse que conselhos eram só palavras vazias sem serventia. Para viajar, precisava mesmo de dinheiro vivo.

O homem aceitou os desejos do filho e arranjou o dinheiro. Despedindo-se do pai e dos irmãos, o jovem pegou sua espada e seu cavalo, chamou seu cachorro e partiu.

Foi pela estrada afora descobrir os caminhos e os descaminhos do mundo.

E conheceu cidades distantes. E visitou fronteiras. E atravessou desertos, montanhas e florestas.

Um dia, topou com um caminho torto e pedregoso. A estrada, parece, não tinha mais fim. O sol queimava forte. Ao dobrar uma curva, escutou uma voz cantando, doce e feminina:

*Tinga tinga ó sala menga!
Tinga menga ó sala tinga!
Sala menga ó tinga tinga!
Sala tinga ó menga menga!*

Curioso, o moço seguiu na direção da voz. Descobriu um casarão escuro, escondido atrás de árvores escuras. Perto, uma velha magra e corcunda, vestida de preto, cavucava a terra.

Pedro estava cansado por causa da viagem. Cumprimentou a mulher. Perguntou se podia passar ali aquela noite.

Os olhos da velha brilharam.

– Claro que pode!

Mas impôs uma condição. Só se o moço amarrasse o cavalo, o cachorro e a espada, bem amarrados, num fio de linha.

– É que eu morro de medo... – explicou a velha, com os olhos baixos. – Passo a noite sozinha com você, mas quero o cavalo, o cachorro e a espada longe de casa!

O moço achou graça naquela mulher tão sozinha, tão frágil e tão medrosa. Disse que sim. Então, a velha arrancou da cabeça três longos fios de cabelo branco. Com um prendeu o cavalo, com outro prendeu o cachorro e com o último, a espada.

Aquela noite, a mulher serviu um jantar delicioso, cheio de carnes, massas e vinhos. De sobremesa, trouxe tortas, pudins e frutas, cada uma mais deliciosa do que a outra. Mais tarde, levou o rapaz até a varanda e disse assim:

– Achei você muito bonito.

O moço riu, vaidoso.

– Achei tão bonito – continuou ela – que queria namorar com você.

– Tá louco! – espantou-se o rapaz. – A senhora tem idade pra ser minha avó!

A mulher não gostou. Ficou de pé no meio da sala e gritou:

– Ah, é? Tá me chamando de velha? Então agora vai ter que lutar comigo!

Lutar? Pedro não estava entendendo.

– Você não disse que eu sou velha? Quero ver se é tão moço assim! Quero ver se é forte no duro.

E partiu para cima do rapaz.

Pedro era musculoso, só que aquela mulher valia por dez homens. Agarrou. Deu soco. Acertou pancada. Machucou. Num golpe brusco, pegou o pescoço do moço e começou a apertar.



O ar foi ficando curto. O medo tomou conta de Pedro, que, quase sem fôlego, gritou:

– Me acuda, meu cavalão!

Mas a velha também gritou:

– Engrossa, meu cabelão!

O cavalo, lá fora, saltava e relinchava dando coices no ar, sem conseguir romper o cabelo da mulher, que virou uma corrente de ferro.

Desesperado, o moço gritou:

– Me acuda, meu cachorrão.

E a velha:

– Engrossa, meu cabelão!

E o cachorro, lá fora, latia e rosnava, sem conseguir romper o cabelo da mulher, que virou uma corda forte.

Já quase sem forças, o moço implorou:

– Me acuda, meu espadão!

Mas a mulher mandou o cabelo engrossar, e a espada, amarrada num fio que parecia de aço, não saiu da bainha.

No fim, a velha venceu a luta. Atirou Pedro num alçapão escuro onde estavam muitos outros aventureiros.

– Frouxo! Bunda-mole! Você não é de nada! – disse ela, cuspendo de lado.

Longe dali, no jardim do castelo no alto de um morro, dois irmãos, João e José, conversavam. De uma hora para a outra, a paisagem mudou.

Coisa estranha. Um vento bateu traiçoeiro. O ar escureceu. Parece que a árvore de Pedro estava querendo murchar!

João foi correndo avisar o pai.

Contou da árvore. Estava assustado. O pai foi ver. Sentiu medo na hora. Ou seu filho Pedro estava doente ou corria risco de vida. Só podia ser.

João então disse que queria tentar encontrar seu irmão. Argumentou também que já estava moço e que pretendia correr mundo. Sonhava conhecer outras estradas, outros lugares e outras gentes.

O homem chamou o filho de lado e advertiu:

– O mundo é bonito e perigoso!

O moço garantiu. Era forte. Não tinha medo de nada. Insistiu. Queria porque queria viajar. O pai concordou.

Na hora da despedida, conversou com o filho. Disse que já estava velho e que, durante a vida, fizera inúmeras viagens. Perguntou ao filho se preferia viajar levando muito dinheiro ou viajar levando pouco dinheiro e alguns conselhos.

O moço caiu na risada. Disse que conselhos eram só palavras vazias sem serventia. Para viajar, precisava mesmo de dinheiro na mão.

O homem aceitou os desejos do filho e arranjou o dinheiro. O jovem estava com pressa. Despedindo-se do pai e do irmão, pegou sua espada e seu cavalo, chamou seu cachorro e partiu.

Foi pela estrada afora descobrir os caminhos e os descaminhos do mundo.

Um dia, topou com um caminho torto e pedregoso. A estrada, parece, não tinha mais fim. O sol queimava forte. Ao dobrar uma curva, escutou uma voz cantando, doce e feminina:

*Tinga tinga ó sala menga!
Tinga menga ó sala tinga!
Sala menga ó tinga tinga!
Sala tinga ó menga menga!*

Curioso, o moço seguiu na direção da voz. Descobriu um casarão escuro, escondido atrás de árvores escuras. Perto, uma velha magra e corcunda, vestida de preto, cavucava a terra.

João estava cansado. Perguntou se podia passar ali aquela noite.

Os olhos da velha brilharam.

– Claro que pode!

Mas impôs uma condição. Só se o moço amarrasse o cavalo, o cachorro e a espada, bem amarrados, num fio de linha.

– É que eu morro de medo... – explicou a velha, com os olhos baixos. – Passo a noite sozinha com você, mas quero o cavalo, o cachorro e a espada longe da casa!

O moço achou graça naquela mulher tão sozinha, frágil e medrosa. Disse que sim. Então, a velha arrancou da cabeça três longos fios de cabelo branco. Com um prendeu o cavalo, com outro prendeu o cachorro e com o último, a espada.

Aquela noite, a mulher serviu um jantar delicioso, cheio de carnes, massas e vinhos. De sobremesa, trouxe tortas, pudins e frutas, cada uma mais deliciosa do que a outra. Mais tarde, levou o rapaz até a varanda e disse assim:

– Achei você muito bonito.

O moço riu, vaidoso.

– Achei tão bonito – continuou ela – que queria namorar com você.

– Tá louco! – espantou-se o rapaz. – A senhora tem idade pra ser minha avó!

A mulher não gostou. Ficou de pé no meio da sala e gritou:

– Ah, é? Tá me chamando de velha? Então agora vai ter que lutar comigo!

Lutar? João não estava entendendo.

– Você não disse que eu sou velha? Quero ver se é tão moço assim! Quero ver se é forte no duro.

E partiu para cima do rapaz.

João era musculoso, só que aquela mulher valia por dez homens. Agarrou. Deu soco. Acertou pancada. Machucou. Num golpe brusco, pegou o pescoço do moço e começou a apertar.